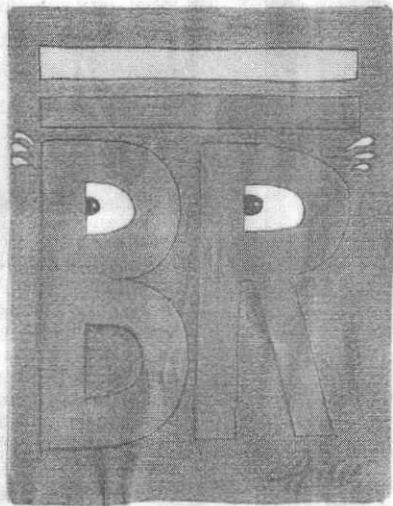


CHICO

LOGROTIPO



Petrobras não avisou nem aos sócios do roubo de notebooks

Dilma diz que os indícios são de espionagem industrial

• A Petrobras não informou a seus sócios no megacampo de Tupi — como a britânica BG — sobre o furto de equipamentos que continham dados estratégicos da companhia. O furto, descoberto no dia 1º de fevereiro, ocorreu no trajeto entre a Baía de Santos e Macaé. Os equipamentos estavam dentro de um contêiner que funcionava como escritório flutuante. Pela primeira

vez, a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, disse que tudo indica tratar-se de espionagem industrial. A Polícia Federal decidiu montar uma força-tarefa para acelerar as investigações, que estão concentradas na delegacia de Macaé. A multinacional americana Halliburton, responsável pelo transporte dos equipamentos, ainda não se pronunciou.

Páginas 33 a 35

O CONTÊINER

Os chamados contêineres cabins são escritórios flutuantes, transportados para plataformas quando uma atividade precisa ser feita em alto-mar.

Carregam computadores com dados estratégicos e outros instrumentos. O transporte é por navio, mas alguns trechos podem ser percorridos por terra. Enquanto isso, os funcionários geralmente vão de helicóptero.

POR ONDE PASSOU O CONTÊINER

Rio de Janeiro
Baía de Santos



SIGILO PERFURADO

PF vai montar força-tarefa

Equipe de investigação ganha reforço para desvendar furto de informações da Petrobras

Jaílton de Carvalho, Soraya Aggege, Danielle Nogueira* e Ramona Ordoñez

SÃO PAULO, BRASÍLIA E MACAÉ

Depois de se reunir ontem pela manhã com representantes da Petrobras, o diretor da Polícia Federal, Luiz Fernando Corrêa, decidiu reforçar a equipe da delegada Carla Dollinski, de Macaé, encarregada de investigar o sumiço de computadores com informações estratégicas da estatal. A ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, afirmou que tudo indica se tratar de espionagem industrial. Mais tarde, perguntada sobre que indícios o governo teria, ela recuou, argumentando que "o governo não faz investigações".

— Nós achamos lamentável. Porque todos os indícios parecem indicar que se trata de espionagem industrial — disse Dilma, ressaltando não acreditar que as informações furtadas poderão prejudicar o país. — Eles vão fazer o quê? Vai chegar uma pessoa lá e explorar? Não. É muito ruim isso ter acontecido, mas não há catástrofe. Não tem o menor sentido transformar isso (em catástrofe).

Se a Petrobras seguiu os procedimentos de segurança previstos, existe a possibilidade de os computadores furtados estarem vazios. Segundo um executivo de uma empresa parceira da estatal, os procedimentos determinam que, ao se transportar esses equipamentos, seja limpa toda memória do aparelho. Segundo o executivo, não se transporta computador contendo informações importantes em contêiner. Ele disse ainda que, para levar essas informações para serem analisadas em outro lugar, o correto seria transportá-las nos chamados discos rígidos, por um funcionário, não em um contêiner. Além disso, lembra que os dados de qualquer etapa de perfuração têm em geral mais de um tera de memória, ou seja, mais de um milhão de gigabytes.

Informações sobre equipamentos divergem

• Dirigentes da estatal e altos funcionários do governo estão insatisfeitos com a falta de resultados da apuração chefiada pela delegada. Até agora, 16 dias depois da constatação do furto, a PF não tem pistas seguras. Corrêa ofereceu à delegada reforço especial da equipe.

— Colocamos à disposição dela os recursos que forem necessários — disse um delegado da cúpula da PF.

Delegados mais experientes da PF concordam que há lentidão das investigações. Para eles, a diretoria da PF deveria ter, desde o início, destacado uma equipe especial de delegados e peritos, com apoio direto da Divisão de Inteligência. Tem havido também divergência de informações. Enquanto fontes da PF falam em quatro notebooks e dois pentes de memória, a Petrobras, em comunicado aos funcionários, menciona dois notebooks e um pente de memória.

A PF começou a ouvir os envolvidos no furto, mas não divulgou os nomes dos interrogados. Segundo fontes, o funcionário da Petrobras Fernando Luiz Lima Blanc, responsável pelo setor de investigações e sindicâncias da estatal, será um deles. A delegada Carla Dollinski negou-se a falar com a imprensa ontem, limitando-se a dizer que "o inquérito é sigiloso". Na véspera, ela concedeu uma série de entrevistas. Há rumores de que a grande repercussão teria

PERGUNTAS AINDA SEM RESPOSTA

- 1 Em que dia exatamente aconteceu o furto? Foi no mar ou em terra?
- 2 Que dados estavam nos equipamentos? Eram sobre os campos de Tupi e Júpiter?
- 3 Por que computadores com informações sigilosas estavam sendo transportados em um contêiner?
- 4 Apenas a Halliburton era responsável pelo transporte? Nenhum funcionário da estatal acompanhava o traslado?
- 5 Foi espionagem industrial ou furto comum?
- 6 A Petrobras não tem como "apagar" remotamente os dados depois que detectou o furto? Esse é considerado um procedimento comum em algumas empresas?
- 7 Por que os dados estavam sendo transportados para Macaé?
- 8 Quanto a Petrobras investe em segurança?
- 9 O que motivou o furto? As informações poderiam ser usadas por algum concorrente?

- 10 Por que a Halliburton, responsável pelo transporte dos equipamentos, não se pronunciou até agora?
- 11 Por que a PF demorou tanto para começar os interrogatórios?
- 12 Provas foram apagadas dificultando a investigação?

CONTÊINERES CABINE

São escritórios flutuantes, transportados para plataformas quando uma atividade precisa ser feita em alto-mar, como perfurações. Neles, há computadores com dados estratégicos e instrumentos como válvulas e tubos. O transporte é por navio, e pode ser necessário fazer um trecho por terra até a base da empresa. Enquanto isso, os funcionários geralmente vão de helicóptero.



Uma prática comum na empresa

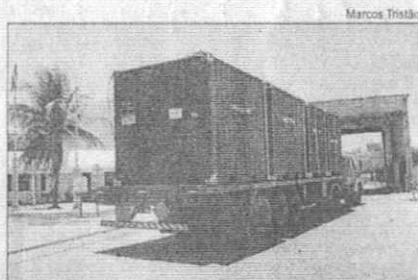
Contêineres se transformam em escritórios flutuantes em alto-mar

Danielle Nogueira

Enviada especial

• MACAÉ. O transporte de dados sigilosos em computadores acondicionados em contêineres é uma prática recorrente da Petrobras e das empresas que lhe prestam serviços, segundo funcionários da estatal e da Halliburton. São os chamados contêineres-cabine, verdadeiros escritórios flutuantes transportados para as plataformas por uma atividade precisa ser realizada em alto-mar, como perfuração de poços e testes em reservatórios. Esses contêineres costumam ser conduzidos da base da Petrobras ou de prestadoras de serviço para as plataformas por via marítima. Se a base das empresas for distante da plataforma, recorre-se à via terrestre.

Além de computadores com dados sobre pressão de reservatórios, vazão de poços e características geológicas de bacias, nos contêineres-cabine são armazenados os demais



instrumentos necessários para as atividades em alto-mar, como válvulas e tubos. Os funcionários que vão operar os computadores e os demais instrumentos geralmente chegam às plataformas de helicóptero.

Uma vez concluída a atividade, que pode

durar dias ou semanas, os contêineres voltam à base das empresas. Isso é necessário, segundo o consultor e ex-funcionário da Petrobras Giuseppe Bacoccoli, porque não há espaço nas plataformas para abrigar todas as ferramentas utilizadas na exploração dos campos.

Ontem, a repórter do GLOBO esteve na base da empresa americana em Macaé, que ocupa quase um quarteirão inteiro. Funcionários que preferiram não se identificar afirmaram que nada se comenta sobre o episódio dentro da empresa, nem entre colegas. Já no bar em frente à Petrobras em Macaé, na hora do almoço, funcionários discutiam se os autores do furto tinham conhecimento do conteúdo dos computadores. Muitos acreditam que a empresa foi vítima de um crime comum.

para a Petrobras, não se pronunciou.

Dilma também argumentou que as mudanças em novas licitações de campos de petróleo não serão feitas por causa do furto:

— Nós jamais íamos licitar (áreas perto de) Tupi e Júpiter nos padrões anteriores. E não decorre desse sumiço de documentos, mas da percepção clara de que o país tem de preservar uma riqueza de proporções significativas.

Em São Paulo, a ministra Dilma afirmou ainda que "progressivamente o governo vai reajustar o preço do gás natural veicular (GNV)". ■

• SÓCIA DA PETROBRAS EM TUPI NÃO FOI INFORMADA, na página 34

(*) Enviada especial

Sócia da Petrobras em Tupi não foi informada sobre conteúdo furtado

BG aguarda investigação para saber que dados havia nos computadores

Juliana Rangel e
Gerson Camarotti

• RIO e BRASÍLIA. A BG ainda não foi informada pela Petrobras sobre o conteúdo das informações que estavam nos computadores furtados, segundo uma fonte da companhia britânica. As informações podem ser referentes à reserva gigante de Tupi (na Baía de Santos), na qual a BG é sócia da Petrobras, com 25%. A BG aguarda o desdobramento das investigações pela Polícia Federal. A portuguesa Galp, que tem 10% de Tupi, também não teria sido informada. A empresa não quis comentar o episódio.

— Estamos esperando informações mais precisas para saber se foi mero roubo ou se houve espionagem industrial. E também para saber que tipo de informação havia nos computadores. Por enquanto, achamos que é um caso que envolve apenas a Petrobras. Se, de fato, houver informações sobre Tupi, sabemos que seremos afetados, mas ainda não tivemos confirmação — disse a fonte da BG.

O Palácio do Planalto e o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, decidiram que o silêncio total e irrestrito deve pautar a atuação dos envolvidos direta e indiretamente na apuração. A ordem tomou como base a suspeita de que houve espionagem industrial. Por isso, também a determinação à equipe policial é que ninguém seja poupado e mesmo funcionários da estatal sejam investigados.

Ontem, cresceu no núcleo do governo a convicção de que o furto teve o objetivo de espionagem. A determinação do Planalto é que nem mesmo a Petrobras se pronuncie, para não atrapalhar as investigações. A estatal recebeu a recomendação para não divulgar mais notas. A partir de agora, explicou uma fonte, tudo ficará sob responsabilidade da PF. Não se sabe se os computadores tinham informações sobre Tupi, área com 5 a 8 bilhões de barris de petróleo recuperáveis, e que indica que pode haver uma reserva gigante de petróleo abaixo da camada de sal. Nem sobre a área de Júpiter, que tem reservas vultuosas de gás na Baía de Santos.

Consultor: dúvidas sobre prazo de chegada do contêiner

Para o advogado especialista no setor de petróleo Alexandre Chequer, do Taull, Chequer & Meilo Advogados Associados ao Thompson & Knight LLP, é muito difícil caracterizar o furto como espionagem industrial.

— Se fosse em Houston, certamente seria um caso desse, porque lá não há assaltos a cada minuto, como no Rio.

O roubo de informações confidenciais é comum em outros países na indústria de petróleo. Segundo o ex-diretor-geral da Agência Nacional do Petróleo (ANP) David Zylbersztajn, o Brasil cada vez mais ficará na mira desse tipo de criminoso, à medida que vem desenvolvendo tecnologia de ponta para explorar águas profundas.

— Como, em geral, o Brasil não é líder em segmentos de tecnologia de ponta, não fica sensível a este mercado. No entanto, a Petrobras é exceção.

Zylbersztajn acredita que, caso seja comprovada a hipótese de espionagem industrial, o maior interesse dos receptores não está nas descobertas de Tupi ou Júpiter, mas na tecnologia utilizada para extrair o óleo a profundidades grandes, sob condições adversas, abaixo da camada de sal.

Zylbersztajn frisa ainda a falta de medidas de segurança, lembrando que a Halliburton tem grande reconhecimento mundial em logística, assim como sua concorrente Schlumberger.

— É preciso avaliar por que um contêiner sal de Santos no dia 18 de janeiro e só chega ao Rio dia 25 e em Macaé dia 30. Será que ele foi parando para recolher outras coisas? ■



PREDIO DA Halliburton em Macaé: especialista questiona falta de medidas de segurança adotadas no transporte

O furto 'é reincidente', diz engenheiro

Segundo diretor da Aepet, há um ano e meio ocorrem registros de problemas

• Desde a descoberta de uma reserva gigante na camada pré-sal no campo de Tupi, na baía de Santos, a Petrobras tem sido alvo de uma prática muito comum no mundo do petróleo, mas até então pouco usada no Brasil: a espionagem industrial. O recente furto de dados estratégicos da estatal não foi o primeiro. Segundo o diretor da Associação dos Engenheiros da Petrobras (Aepet) e ex-engenheiro da área de Exploração e Produção da estatal, Fernando Siqueira.

— Isso (furto) é reincidente, porque tenho notícias de que há um ano e meio vêm sendo roubados laptops na casa dos técnicos envolvidos com essa área, teve assalto na casa de dois engenheiros e um geólogo, e só levaram o laptop — informou.

Procurada, a Petrobras não quis comentar as declarações de Siqueira. Esse tipo de espionagem, lembrou o dirigente, é muito comum na indústria do petróleo. Para ele, as suspeitas sobre o autor do furto recaem em muitos agentes do setor. Ele diz que isentaria três empresas: — Galp e British Gas (BG), por serem parceiras. E a OGX, de Elie Batista, que levou cinco gerentes para trabalhar lá, já tem os arquivos vivos.

Contemporâneo do atual diretor de Exploração e Produção

OPINIÃO

RELATIVIDADE

• À PARTE a aparente negligência da Petrobras no transporte de informações estratégicas, não são muitas as especulações sobre a autoria do roubo.

SE FUNCIONAR a lógica, os dados terão sido levados por quem se interessa em perfurar a Baía de Santos. Aí, porém, portanto, que, nos próximos leilões, terá grande vantagem em relação aos concorrentes.

SE FOR isso, trata-se de um caso sério de delinquência empresarial. Mas, ainda sim, menos importante do que a necessidade de grupos privados serem atraídos para investir nessa fronteira de exploração, essencial para um país em situação de risco energético.

da Petrobras, Guilherme Estrela Siqueira lamentou que o furto jogue 30 anos de pesquisa feita pela companhia, por um valor estimado de US\$ 2 bilhões, em mãos desconhecidas.

— São informações bastante estratégicas para futura exploração e perfuração da área.

Ele explicou que a Halliburton faz para a Petrobras um trabalho de perfuração dos poços, ou seja, na medida em que vão sendo perfurados, a empresa pega amostras de rochas e traça um perfil do poço.

Siqueira informou que a Aepet enviaria ontem mesmo carta ao presidente Luiz Inácio Lula da

Silva pedindo a suspensão imediata dos leilões de blocos de petróleo no país e mudança no marco regulatório do setor que, segundo ele, tem incorências que prejudicam a soberania nacional. A entidade pedirá também que a Marinha seja acionada para ajudar a proteger as plataformas da Petrobras, que estavam vulneráveis.

Segundo Siqueira, o governo brasileiro deverá, a partir de agora, começar a sofrer pressões — que ele não quis especificar quais — para colocar as áreas do pré-sal nos leilões da Agência Nacional do Petróleo (ANP). ■

Segurança posta em dúvida

Com 30 anos no setor, Transmagnó é alvo da PF no caso

Danielle Nogueira

Enviada especial

• MACAÉ. Com 30 anos de atuação na área de logística para a indústria do petróleo, a empresa de transportes Transmagnó procura conquistar a confiança dos clientes exaltando seu compromisso com a eficiência e a segurança. Um cartaz afixado na recepção da sede da empresa, em Macaé, ressaltava tais qualidades, passaria despercebido, não fosse a Transmagnó alvo de investigação da Polícia Federal no caso do furto de equipamentos da Petrobras.

Ao lado do desenho de um caminhão da transportadora, o cartaz traz os dizeres: "Percorrendo este caminho com a Petrobras, guiando-se pela qualidade, segurança e eficiência". Além da Petrobras, a empresa tem uma extensa lista de clientes, que inclui a Petroeng Engenharia, empresa do secretário de Indústria, Comércio e Energia de Macaé, Guilherme Jorgan.

— Nunca tive problema com eles — declarou Jorgan.

A Transmagnó foi criada, em 1986, em sub-



PREDIO DA Transmagnó, em Macaé, que teria transportado contêineres

stituição à Jardineense Transportes Rodoviários Ltda., que iniciou suas atividades dez anos antes junto à indústria petrolífera no estado do Espírito Santo. Hoje, a empresa tem escritórios em Macaé, sua matriz, no Rio de Janeiro, em Vila Velha (ES) e em Aracaju (SE).

A reportagem do GLOBO procurou a Transmagnó, em Macaé, empresa que teria feito o transporte dos contêineres do Rio a Macaé, mas ninguém quis se pronunciar.

Brasil investe pouco em segurança de dados

Segundo IDC, empresas aplicam entre 1% e 2% de seu faturamento em desenvolvimento de sistemas de proteção

Bruno Rosa e Lino Rodrigues

■ RIO E SÃO PAULO. O roubo de informações sigilosas da Petrobras, que podem envolver dados sobre os megacombustíveis de petróleo e gás na Bacia de Santos, reforçam a tese de especialistas em segurança empresarial de que as empresas brasileiras, de uma forma geral, não dão a devida importância aos riscos (e prejuízos) da espionagem industrial. A falta de atenção pode ser traduzida em números: as companhias nacionais investem entre 1% e 2% de seu faturamento na segurança de dados. Nos Estados Unidos, esse índice sobe para até 5%.

Segundo a consultoria IDC, a segurança da informação responde apenas por 1,7% do faturamento de TI no Brasil. Na Europa e nos EUA, revela Célia Saraiva, gerente da empresa no Brasil, a segurança responde por 3,7% de todo o mercado de TI. Mas as coisas começam a mudar lentamente no Brasil. Há quatro anos, a segurança era apenas um plano. Hoje, já virou realidade, tanto que, em 2007, foi a principal preocupação das empresas.

— As companhias brasileiras investem menos na segurança de seus dados do que no resto do mundo. No caso da Petrobras, a empresa deve ter um hardware que apaga os dados contidos no laptop em caso de violação. Além disso, os técnicos devem ter um *pen drive*, que funciona como uma assinatura digital, liberando as informações. Mas há hackers que burlam tudo isso — diz Célia.

Para Paulo Vendramini, engenheiro de sistemas da Symantec, as informações valem ouro no mercado negro. Segundo ele,

Portas arrombadas

SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO EM 2007:
Investimento de empresas brasileiras: US\$ 370 milhões
O valor representa 1,8% do faturamento do mercado de Tecnologia da Informação (TI)

Investimento de empresas americanas e europeias: US\$ 44,5 bilhões em segurança de dados
O valor representa 3,7% do faturamento do mercado de TI

1% e 2% do faturamento no Brasil são investidos em segurança de dados. Nos EUA e na Europa, o número sobe para 5%

Fonte: IDC Group

ATAQUES FINANCEIROS
65% das empresas no mundo devem sofrer ataques financeiros por hackers este ano
Fonte: Gartner Group

ATAQUES BLOQUEADOS
No Brasil, dobrou o número de ataques que foram bloqueados entre janeiro e fevereiro deste ano. O número de tentativas de acessar informações restritas a confidenciais passou de 2 mil para 4 mil em apenas dois meses
Fonte: Panda Security

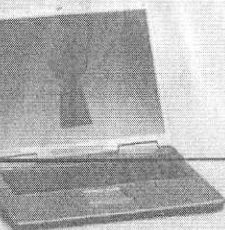
PERDA DE DADOS
58% das empresas no mundo esperam por uma perda de dados de grandes proporções pelo menos uma vez a cada cinco anos

Roubo ou perda de computadores respondeu por 46% de todas as brechas em dados que poderiam levar ao roubo de informações
Fonte: Symantec

COMO AS EMPRESAS SE PROTEGEM

- **Assinatura digital**
Empresas usam um *pen drive* personalizado, que funciona como uma assinatura digital, para ter acesso às informações contidas no computador.
- **Auditoria**
Muitas companhias têm contratado empresas externas para verificar se há alguma falha de segurança dentro da corporação.
- **Backup**
É armazenar as informações em um local distinto do dia-a-dia do trabalho. Algumas empresas de Tecnologia da Informação (TI) têm criado uma solução virtual. Ou seja, os dados são guardados em áreas seguras da rede.
- **Bloqueio**
As empresas criam dentro de sua estrutura organizacional níveis hierárquicos de informação. Assim, alguns funcionários não têm acesso a determinadas informações. Outros só conseguem vê-las. E níveis mais elevados, como diretores e presidente, conseguem modificar os dados.

- **Cadeado**
Em vez de cadeados tradicionais, as companhias têm utilizado cadeados lógicos, que funcionam como um instrumento digital que só dá acesso em caso de violação.
- **Criptografia**
E quando os dados são quebrados de modo que fiquem indecifráveis. Esses dados são levados a áreas isoladas e ficam hospedados em uma espécie de caixa forte.
- **Governança**
Empresas têm treinado cada vez mais seus funcionários para não utilizarem e-mails pessoais dentro do trabalho e, assim, evitar a contaminação de rede por meio de spam. Sugere-se ainda não conectar o e-mail do trabalho em lugares públicos, como cybercafé.
- **Hardware**
Um dispositivo pode apagar todas as informações contidas no laptop ou computador em caso de tentativa de violação.
- **JED**
É um software que registra qualquer alteração feita em determinado documento. Alterações e cópia de documentos podem ainda ser restringidas. Com a ferramenta, é possível desligar uma estação (como um laptop) e apagar todo o conteúdo no HD.
- **Salda**
Computadores podem ter saídas bloqueadas. Assim, não se consegue copiar as informações por meio de CDs e *pen drives*. Além disso, todos os trabalhos são salvos na rede, não na máquina.



a senha de uma conta corrente pode render até US\$ 300. E a maioria das empresas no mundo espera por um grande ataque a cada cinco anos. Segundo Ricardo Bachert, presidente da Panda Security, é preciso que empresas como a Petrobras invistam cada vez mais em uma política de governança:

— Os funcionários devem saber que carregam informações estratégicas. No Brasil, a espionagem acontece em todos os níveis. Muitas pessoas, para venderem as informações, vão a cybercafés para tentar obter esses dados. No caso da Petrobras, as informações estratégicas deveriam ter ficado fora do

laptop, em uma caixa lacrada. Salvador Raza, outro especialista no assunto e que trabalha com o Pentágono (a sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos) na área de segurança empresarial internacional, acredita que aconteceram "pequenos erros". Além disso, o Brasil é um

dos países que tem uma das legislações mais fracas em termos de espionagem. — O Brasil está muito fragilizado e ainda não dispõe de uma legislação para punir os crimes nessa área. Há uma série de ferramentas que protegem as informações, como softwares que controlam o

Após furto, Petrobras redobra vigilância

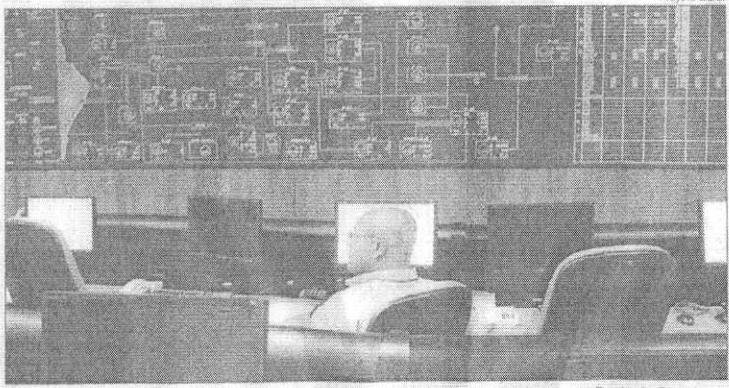
Acesso a salas, que já era restrito, ficou ainda mais sujeito a controles

Aloysio Balbi

■ CAMPOS. A Petrobras decidiu redobrar suas normas de segurança na Unidade de Negócios da Bacia de Campos, em Imbetiba, Macaé, após o furto de equipamentos com informações estratégicas sobre a companhia. O acesso ao conjunto de salas inteligentes passou a ser ainda mais restrito. Em uma dessas salas, é feito trabalho de sísmica e é possível, a partir de projeções com dados enviados por geólogos, estabelecer antecipadamente a potencialidade de um campo a ser explorado.

Em caso de acidente, é possível parar a operação

A sala é equipada com aparelhos ultra-sensíveis. O acesso a ela está restrito aos funcionários do setor, e em caso de visitas, o sistema é desativado e apresentado apenas um demonstrativo didático sobre o serviço. Nela existem informações estratégicas valiosas sobre as bacias de



SALA EM QUE aparece um grande painel de onde são controladas as 43 plataformas da Bacia de Campos

Campos (RJ), Santos (SP) e Espírito Santo. Uma segunda sala onde todas as plataformas da Bacia de Campos são monitoradas também segue o mesmo padrão de segurança. Nela existe um imenso painel eletrônico, que lembra os filmes sobre a agência espacial americana, a Nasa.

As plataformas estão todas apontadas nesse painel e, ao lado, existem telas de LCDs onde os operadores podem acompanhar cada segundo de qualquer uma das unidades em tempo real. O operador pode influir por meio de um sistema de robótica nos principais setores da unidade de

produção, podendo até interromper as atividades em casos extremos, como vazamento de óleo ou outro tipo de riscos. — O acesso a essas salas já era uma coisa hiper-restrita. Agora, isso será ainda mais intensificado diante dos fatos que se apresentam — disse um operador de uma dessas salas. ■

Em Hollywood, produções recentes sobre o gênero

Tema surge em 'O jardineiro fiel'

André Miranda

■ O cinema nunca se mostrou um entusiasta tão grande da espionagem industrial como é da espionagem política. Talvez a razão seja que não tenha havido, no gênero industrial, uma Guerra Fria e dúzias de siglas — CIA, FBI, KGB, MI6 etc — como inspiração. Mas duas produções recentes de Hollywood ajudam a preencher essa lacuna. Uma delas é "O jardineiro fiel" (2005), filme de Fernando Meirelles baseado no romance de John Le Carré — esse, um dos maiores especialistas em histórias de espionagem da literatura mundial. O filme apresenta Tessa, a mulher de um diplomata inglês que se empenha em descobrir os segredos de uma companhia farmacêutica na África. Ela acaba sendo assassinada. Já em "Syriana" (2005),

produção que valeu a George Clooney um Oscar de melhor ator coadjuvante, os bastidores da fusão entre duas empresas, com ameaças de morte e participação ativa de governos, são mostrados de perto. Ironicamente, as tais duas empresas, assim como a Petrobras, são petrolíferas. Entre os filmes mais antigos que tratam do tema, está o japonês "The black test car" (1962), de Yasuzo Masumura. Nela, duas empresas automobilísticas travam uma batalha pelo projeto de um novo carro. Outro que lida com a espionagem industrial é, por que não?, "A fantástica fábrica de chocolate" (1971), de Mel Stuart: um concorrente de Willy Wonka, o excêntrico doceiro vivido por Gene Wilder, oferece US\$ 10 mil à criança que conseguir roubar a última criação de Wonka.